
I Jornadas Nacionales de Historia de la Psiquiatria. Oviedo, 30 de Março a 1 de Abril de 1995

Promovidas pela *Asociación Española de Neuropsiquiatria*, realizaram-se estas primeiras jornadas cujo número de participantes, de cerca de uma centena, ultrapassou as expectativas dos organizadores, que temeram uma menor adesão.

Num comentário deste tipo, não é possível referenciar todas as comunicações, algumas das quais se centraram em figuras da história espanhola ou em investigações de história regional das origens da assistência psiquiátrica, evidentemente importantes mas que colocam dificuldades pela soma de pormenores de difícil apreensão sob a forma de comunicações orais. Centrar-me-ei sobre os trabalhos de âmbito mais global e que de alguma forma transcendiam a situação espanhola a que se referiam, ou que me pareceram de indiscutível interesse e importância.

Na conferência inaugural «A História Conceptual da Psiquiatria: Usos e Abusos», German Berrios, da Universidade de Cambridge, começou por salientar a complexidade da historiografia da psiquiatria e que pode ser considerada no âmbito da história da medicina, no da história da ciência ou como actividade «nova e até *sui generis*». Relembrou que os primórdios de uma história positivista, com a necessidade constante de mostrar que o actual é sempre melhor que o antigo, se situam nos anos 40 do século XIX, detendo-se depois nos grandes

debates e polémicas nos anos 60 deste século e na pergunta de Ackercknecht numa reunião científica «E os Doentes, qual o Papel dos Doentes?».

Quanto aos métodos de trabalho, referiu o biográfico, o narrativo, o antológico, o sociopolítico, o institucional, o conceptual e o iconográfico. Quanto ao método biográfico está de regresso, agora já devidamente contextualizado. O narrativo, é o mais simples e é por onde afinal se começou; está facilmente sujeito a distorções e foi o grande alvo dos ataques de Foucault. O antológico é uma fonte importante de análise de estudo. O sociopolítico, referiu com fina ironia, não iria desenvolver dado ser muito cultivado por diversos autores espanhóis. O institucional é lugar de enfrentamento entre diferentes visões historiográficas, e é tão importante analisar os doentes como as dietas, a arquitectura ou a organização dos serviços. O conceptual é também local de divisões consoante a visão por vezes antagónica dos seus cultores. O iconográfico, estudando as «imagens da loucura», tem trazido mais recentemente contribuições importantes.

Distinguindo realismo e construcionismo, e uma visão internalizada e externalizada, realçou a dimensão social e construtivista em contraponto com os invariantes biológicos, acabando por concluir que os clínicos necessitam de aceitar a dimensão social das doenças e os historiadores e sociólogos precisam de perceber que a história internalizada das doenças é importante.

Quanto à nosologia médica, considerou que há dois grandes grupos de metáforas:

uma de tipo «jardim» (more botânico) caracterizada por catalogações fixas e baseada em espécies naturais e outra «criacionista», origem de uma visão mais criativa, que admite a possibilidade de mudança, a existência de marcos sociais determinados e o papel de factores não científicos. Mas reafirmou que as duas atitudes podem ser mantidas em complementaridade.

186

Finalmente salientou a necessidade de modelos para nos ajudar a ver as coisas, a necessidade de «inventar» a partir de certos limites, e a de ser «honrado» frente aos factos. Em resposta a uma pergunta que lhe foi colocada, reafirmou a importância de uma história da psiquiatria da mulher, pois tal como em todos os outros campos, uma visão deslocada para o feminino revela insuspeitadas diferenças, reveladoras de novos problemas e constituindo um analizador fundamental da modernidade epistemológica.

A conferência de Carlos Castilla del Pino constituiu um outro grande momento do encontro, com «Origem da Psiquiatria Científico-Natural em Espanha».

Começando por enfatizar a necessidade de se saber de onde se vem para se poder saber para onde se vai, lembrou uma frase-aviso de George Santayana «os que esquecem a história, estão condenados a repeti-la»; a sua apresentação centrou-se na obra e na escola de Ramon y Cajal e as fundas repercussões da sua obra em Espanha e em muitos outros países (relembro a título de exemplo como isto é evidente entre nós em médicos como Miguel Bombarda e Egas Moniz). A neuro-histologia e a neuropatologia tornaram-se fontes de informação fundamental na altura. Para perceber as razões é preciso recuar até meados do século passado e a Darwin, ao publicar «A Origem das Espécies». A importância desta obra científica, talvez a mais importante desde

Newton, é simplesmente assombrosa (na linhagem de Copérnico e Galileu, como sugeriria Freud, descentradora e ferindo profundamente o narcisismo humano), tornando possível que «o homem entre no âmbito da zoologia» ou por outro lado efectuando «a desmontagem da teologia». A influência de Darwin em Spencer e Marx é imensa e a biologia converte-se numa disciplina charneira invadindo outros domínios e mesmo disciplinas como a sociologia, a pedagogia, a criminologia, etc.

Considerou por outro lado que o positivismo de Comte, ao colocar os enunciados sintéticos (Kant) no primeiro plano e ao relegar inteiramente para um segundo plano os enunciados analíticos, constituirá um retrocesso filosófico.

Cajal, que é um histologista, avesso à especulação, irá manter uma estrita fidelidade aos factos observáveis. É claro que a observação se tornou praticamente a explicação, ao contrário de hoje, em que o método é que é científico, não os factos. Os discípulos de Cajal e a geração psiquiátrica do seu tempo, assim como a seguinte, serão divulgadores de Darwin e da biologia transformista, acreditando profundamente que os grandes enigmas da vida serão revelados pelo estudo histológico do sistema nervoso central. Toda esta tradição de pensamento se irá interromper com a eclosão da guerra civil.

As conexões inter-neuronais de Cajal só depois se virão a chamar sinapses e a actual investigação neuro-fisiológica e a biologia molecular prolongam afinal esta linha de investigação.

V. Aparicio Basauri e A. Esther Sanchez com «Norma e Lei na Psiquiatria Espanhola» procuraram mostrar as variações nos pólos de controlo jurídico e médico durante os séculos XIX e XX, relacio-

nando-os com a atmosfera liberal ou autoritária vigente e com o grau de adesão e crença firme na ciência psiquiátrica. Uma ideia interessante que procuraram mostrar foi sobre a noção de manicómio-modelo, frequente em Espanha nos finais do século passado e que seria muito mais uma ideia oriunda dos médicos higienistas do que dos psiquiatras.

José Lázaro apresentou «*Archivos de Neurobiología: os 75 Anos da Psiquiatria Espanhola*». Esta importante revista criada em 1920 testemunha a vitalidade e a importância da primeira grande geração psiquiátrica espanhola, a que de facto fundou instituições de âmbito nacional (1920-1936). A colaboração dos Archivos foi dividida no primeiro número em colaboração de histólogos e fisiólogos, psicólogos, neurologistas e psiquiatras e agrupou nomes como Ramon y Cajal, Mira y Lopez, Ortega Y Gasset, Lafora, Sacristan e Marañón, testemunhando uma produção e uma prática pedagógica e de divulgação das questões de higiene e saúde mental até aí quase inexistentes. Em 1924, é criada a Associação Espanhola de Neuropsiquiatria, em 1926 a Liga Espanhola de Higiene Mental, e em 1933 as cátedras de psiquiatria e neurologia de Barcelona. Todo este processo é interrompido pela guerra civil.

Mais difícil se torna a abordagem da psiquiatria no Franquismo, tentada por vários intervenientes. Difícil porque a história se aproxima vertiginosamente do tempo presente e a possibilidade de juízos objectivos e serenos é ainda difícil. Mas é preciso não esquecer que a brilhante geração psiquiátrica da República foi decapitada pela vitória franquista. Os seus mais significativos vultos partiram para o exílio e outros foram obrigados a uma espécie de exílio interior, não menos doloroso, e são esquecidos e marginalizados. Todo um trabalho de recuperação da memória histórica e de revalorização

destes homens pelas novas gerações psiquiátricas só se iniciou a partir dos anos 70.

Discutível por vezes, mas importante, o trabalho de Josep Comelles «Ideologia assistencial e prática económica: o trânsito entre o tratamento moral e o Kraepeliniano na psiquiatria catalã», entre fins do século XIX e o primeiro terço do século XX e que tenta analisar a dimensão utopista da sociedade-manicómio e o seu fracasso, pondo em relevo diversas lógicas subjacentes e por vezes antagónicas: profissional, económica, social, assistencial.

Interessante também o trabalho de Emílio Gonzalez em colaboração com antropólogos de definição e estudo de uma espécie de história popular da psiquiatria, ou melhor, das respostas populares à loucura na Galiza do século XIX.

Finalmente uma referência à homenagem prestada a François Tosquelles, outro exilado da guerra civil espanhola e fundador da Psicoterapia Institucional e falecido em Setembro de 1994 em França, na pessoa da viúva, asturiana presente nas Jornadas. Um seu discípulo, A. Labad lembrou, frente às visões e critérios quantitativos, que para Tosquelles o mais importante é o acolhimento do paciente, o que significa que é sujeito e tem um nome e uma história pessoal (critério qualitativo). Sem esta distinção fundamental, para Tosquelles não é sequer possível o trabalho psiquiátrico e psicoterapêutico. ■

José Morgado Pereira

III Encontro Nacional da Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Regional (APDR). Porto, 27 a 29 de Abril de 1995.

Realizou-se na Faculdade de Economia do Porto, entre os dias 27 e 29 de Abril, o III Encontro Nacional da APDR.

Na sessão plenária inicial, António Simões Lopes e João Ferrão expuseram as suas posições sobre o passado, o presente e o futuro da investigação regional e territorial em Portugal.

Os trabalhos deste Encontro desenvolveram-se, de seguida, através de dezasseis sessões dedicadas a doze temas da problemática do desenvolvimento regional: finanças locais; desenvolvimento rural; demografia e recursos humanos; infraestruturas; cooperação inter-regional e transfronteiriça; planeamento estratégico, territorial e urbano; dinâmicas regionais no contexto europeu; ambiente, qualidade de vida e turismo; instituições e política de desenvolvimento regional no contexto europeu; inovação e desenvolvimento regional; sistemas locais de inovação; localização e organização produtiva. Nestas sessões foram apresentadas perto de setenta comunicações.

Estas comunicações permitiram dar a conhecer a diversidade e a natureza multidisciplinar dos trabalhos que estão a ser realizados, não só por investigadores nacionais, mas também por autores estrangeiros como Bernard Pecqueur, Denis Maillat, Juan Cuadrado Roura, Phil Cooke e Riccardo Cappellin.

Em face do número e do tipo de sessões temáticas e de comunicações apresentadas, pode-se afirmar que a problemática

do desenvolvimento regional constitui, em Portugal, um domínio de investigação com provas dadas no passado e que, face ao interesse alargado que suscita no presente, revela potencialidades de alargamentos e aprofundamentos futuros. Um dos domínios onde tais interesses são particularmente visíveis, não só em Portugal mas também no estrangeiro, reside no estudo das relações entre as variáveis espaciais e as dinâmicas de inovação: com efeito, este foi, dos doze temas referidos, objecto de um maior número de sessões (quatro), no âmbito das quais foram apresentadas quinze comunicações. ■

João Tolda

European General Practice Research Workshop: «Working with Families in General Practice». Porto, 4 a 7 de Maio de 1995

Realizou-se no início do mês de Maio na cidade do Porto o primeiro encontro deste ano da European General Practice Research Workshop (EGPRW). A EGPRW existe desde 1971 e desde 1974 que promove reuniões bianuais de uma forma regular. Tendo começado como um pequeno grupo de discussão informal sobre cuidados de saúde primários, a EGPRW reúne hoje clínicos gerais de vinte países europeus preocupados com o desenvolvimento da pesquisa científica na sua área de actividade.

As reuniões bianuais desempenham um papel fundamental na actividade da EGPRW, sendo uma ocasião privilegiada para a troca de ideias a partir da apresentação de comunicações científicas. São realizadas sessões subordinadas a um tema

pré-determinado, assim como apresentações de tema livre. Funcionando no formato de *workshops*, estes encontros permitem apresentar resultados definitivos de trabalhos já concluídos, mas também pesquisas em curso e propostas de investigação.

Embora inicialmente estas reuniões congregassem apenas clínicos gerais foram sendo abertas, progressivamente, a investigadores doutras áreas, nomeadamente das Ciências Sociais. Esta interdisciplinaridade tem-se revelado um elemento extremamente frutífero para os estudiosos dos dois campos. Por um lado, os clínicos gerais, não só têm enriquecido a sua prática médica com conhecimentos doutras áreas científicas, como utilizam, crescentemente, nas suas pesquisas, metodologias oriundas da Sociologia e Antropologia. Por outro lado, para os investigadores sociais a Medicina e a Saúde constituem-se, cada vez mais, como importantes áreas de estudo, sendo estas reuniões uma excelente oportunidade para partilhar e discutir com a comunidade médica resultados de pesquisas e protocolos de investigação.

A reunião agora realizada no Porto, subordinada ao tema «Working with Families in General Practice», foi inaugurada com uma conferência da socióloga portuguesa Graça Carapinheiro intitulada «Which health to which family?», à qual se seguiram dois dias e meio de apresentação de comunicações científicas. As exposições dividiram-se em dois tipos de sessões: aquelas que se enquadravam na temática da reunião e as que apresentavam um tema livre. Ambas tiveram sempre uma assistência numerosa e em ambas existiu sempre um caloroso, e construtivo, debate em torno de cada uma das comunicações.

Nas sessões subordinadas ao tema genérico da *workshop* foram apresentadas comunicações que levantaram questões

bastante diversas em torno da relação da medicina e dos serviços de saúde com a família e as relações familiares. Foram abordados, entre outros temas, a avaliação de serviços na área da medicina familiar, o papel da família enquanto prestadora de cuidados e a importância do tipo de família na existência da saúde ou da doença.

A comunicação intitulada «General practitioner and his/her family», apresentada por Milica Katic da Croácia despertou especial interesse pelo seu tema. Tratava-se da apresentação dos resultados de um questionário aplicado a clínicos gerais portugueses e eslovénios tendo em vista explorar até que ponto a vida familiar destes médicos é determinada pela sua profissão. Os resultados preliminares da pesquisa revelaram que o/a clínico/a geral se situa, perante a sua família, algures entre dois papéis extremos: de «pequeno Deus», possuidor de uma autoridade intocável, e o de vítima da sua profissão. O/a médico/a é um/a marido/mulher «normal» e nem ele/ela nem a sua família se queixam da sua profissão. Tal como era esperado pelos autores, o seu maior problema é a falta de tempo. Para os médicos, tal como para os seus pacientes, a família é um importante factor de satisfação.

Nas sessões de tema livre, onde foram apresentadas 24 comunicações, a diversidade de assuntos foi enorme. Sendo impossível aqui fazer uma síntese destaca-se uma das apresentações, pelas questões interessantes que coloca relativamente à construção do campo social da medicina e pelo aceso debate que provocou na assistência. «What happens to long-term medication when general practice patients are referred to hospital» foi apresentada por Michael Kochen da Alemanha e revela a discrepância de práticas de prescrição existente entre os clínicos gerais e os médicos de hospital. Apesar da discontinuidade no tratamento poder ser prejudicial é frequente que os

doentes mudem de medicação ao dar entrada no hospital e depois o façam novamente ao voltar aos cuidados do seu clínico geral. Os autores chegaram à conclusão de que o facto se deve, não tanto a uma questão de discordância quanto à eficácia farmacológica dos medicamentos, mas, sobretudo, a uma discrepância de condições de exercício da actividade, sendo os médicos hospitalares muito menos receptivos às questões de carácter económico e ao histórico do paciente.

Finalmente, uma última palavra quanto à participação portuguesa no encontro. Ela foi ainda escassa para os desejos dos organizadores. Foram apresentadas três comunicações na área temática central da *workshop*: «The welfare-family in a changing context. On social modes of provision of elderly care in Portugal» por Pedro Hespanha e Maria José Ferros Hespanha, «The hands that rock the cradle: childcare and family networks», por Sílvia Portugal e «What the adolescents think about their family», por Helena Baía. As duas primeiras apresentações debruçaram-se, essencialmente, sobre a importância da família como entidade prestadora de cuidados, no primeiro caso aos idosos e, no segundo caso, às crianças; a terceira deu conta dos resultados de um inquérito aplicado a jovens entre os 14 e os 19 anos com vista a testar a funcionalidade das suas famílias.

O quarto participante português, José António Miranda, apresentou, nas sessões de tema livre, uma comunicação intitulada «Home visits in general practice - an international pilot study». A apresentação deu conta de um estudo comparado sobre as visitas ao domicílio em três países da Europa. Este trabalho é um dos primeiros a ser realizado no âmbito da acção que a EGPRW pretende que seja o seu grande objectivo no futuro: o desenvolvimento de projectos de pesquisa internacionais que

englobe participantes de diferentes países, contribuindo para uma verdadeira partilha de ideias e experiências. ■

Sílvia Portugal

V Encontro de Estudo de Economistas de Língua Neolatina. Bertinoro, Itália, 19 a 20 de Maio de 1995.

A «Associazione italiana per la collaborazione tra gli economisti di lingua neolatina» organizou em Bertinoro (uma bela cidadela medieval já perto do Adriático onde a Universidade de Bolonha instalou, num antigo convento, um centro de seminários e de formação avançada) o V Encontro de Estudo de Economistas de Língua Neolatina.

Estiveram em discussão três temas: A Europa do Sul no Fim do Século XX — mudanças e integração; As Políticas para o Desenvolvimento dos Sistemas Locais e da Pequena e Média Empresa; Novas Realidades e Perspectiva dos Fluxos Migratórios na Europa Meridional.

No primeiro discutiu-se principalmente o problema da não-convergência interna, (regional) das economias da Europa do Sul num quadro de integração europeia dominada pelas ideias de convergência. Reposição das questões do dualismo italiano, modernização incompleta em Espanha e Portugal, articulação entre políticas descriçionárias e políticas automáticas — eis alguns dos pontos de debate.

O segundo tema (aliás moderado pela figura tutelar de G. Becattini, e com a pre-

sença de vários dos autores que têm animado a literatura dos últimos 10-15 anos sobre os sistemas produtivos locais e os distritos industriais marshallianos) assentou no registo duplo da apresentação de estudos empíricos e da (re)avaliação dos quadros teóricos. Não que esta última questão esteja absolutamente em cima da mesa (é verdade que as linhas de consumo que criaram esta «escola» dos que valorizam o território como unidade intermédia de análise e como categoria substancial de funcionamento das economias se mantém ainda muito ligada ao património criado); não que os estudos empíricos estejam a «recriar» ou a incorporar de forma inovadora os pontos de uma nova problemática (é verdade que ainda se está mais numa fase de «repetição» do que numa fase de «derivação»).

Em todo o caso ficou bem assinalado, aqui como noutras ocasiões, uma lógica de análise empenhada na valorização da categoria «variedade» nos modos de desenvol-

vimento. Ou, como sublinhou Becattini, a ideia de que é importante *reproduzir a diversidade* — uma expressão bem simbólica porque tem a particularidade de ser facilmente entendível por todos os falantes de língua neolatina, independentemente do idioma nacional em que se diga, e, no entanto, em cada uma das formas nacionais a diferença de uma letra evidencia que há séculos de história a marcar a especificidade dos países ou regiões.

Na discussão do último tema teve especial interesse o debate acerca das relações entre as duas margens do mediterrâneo, sendo as questões demográficas e a análise dos fluxos migratórios bons instrumentos para evidenciar a natureza assimétrica das relações em presença.

O Encontro do próximo ano realizar-se-á em Toledo. ■

José Reis